

SELECÇÃO CROMÁTICA NOS PORTUGUESES E DIAGNOSE ÉTNICA ⁽¹⁾

POR

LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina
Director do Instituto de Criminologia

PÓRTO

Um dos boletins dos Caminhos de Ferro Alemães, do ano corrente ⁽²⁾, inseria uma resumidíssima nota intitulada: *A escolha das cores para o vestuário obedece a razões fisiológicas e sensoriais insuspeitadas* que dividem a humanidade em dois grandes grupos: um de «sensibilidade quente» e outro de «sensibilidade fria». A nota era esta, em 22 linhas:

— «Nem todos os indivíduos têm a mesma sensibilidade às cores. Partindo desta desigualdade, pode a humanidade dividir-se em dois grandes grupos: um particularmente sensível ao vermelho e ao amarelo; e outro, mais sensível ao verde e ao azul. As próprias pessoas com sensibilidade para as cores médias podem incluir-se em qualquer dos dois referidos grupos. Estas observações são hoje axiomas científicos, aos quais se chegou por meio de pesquisas fisiológicas.

(1) Apresentado ao «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências». Córdova, 1944.

(2) «Boletim Cultural de Informações», n.º 20, 13 de Maio de 1944, Lisboa.

O Prof. Dr. Ernest Jaensch, de Hamburgo, estudou o fenómeno, com os seus colaboradores, e explica-o *por factores rãcicos. Há pessoas de «sensibilidade quente» e outras de «sensibilidade fria», pois as primeiras são mais sensíveis às chamadas côres quentes — o vermelho e o amarelo; e as segundas, são-no mais às côres frias — o verde e o azul.*

Esta distinção corresponde a dois tipos diferentes de raça. Ao de «sensibilidade quente» pertencem os povos mediterrãneos; e ao de «sensibilidade fria», as raças nórdicas.

Assim se fornece inédita explicação fisiológica — inédita e interessante — para a predilecção que têm os povos meridionais por vestuários de côres variegadas (em que predomina o vermelho e o amarelo); e a preferência dada pelos nórdicos às côres atenuadas, aos tons gris.»

Em 3 e 9 de Fevereiro de 1943, isto é, mais de um ano antes, fizera eu na Cadeia nas Mónicas de Lisboa, em missão oficial de estudo, uma breve pesquisa àcerca de problemas que muito de perto tocam o tema daquela notícia. Entre mais pontos, estudei a reacção cromática a palavras-estímulos e sensibilidade às côres, no intuito de colher informações de ordem psíquica para a exploração da affectividade, em relação com a delinqüência. Não interessam, agora, as achegas que consegui neste particular; mas são, sem dúvida, curiosas para a tese do Prof. Ernst Jaensch as conclusões a que cheguei.

Devo declarar, à entrada desta nota prévia, que o número de indivíduos observados é, possivelmente, pequeno; que a personalidade psicomoral das mesmas ⁽¹⁾ não deve considerar-se normal ou do tipo médio da população portuguesa ⁽²⁾; que o método

(1) 100 mulheres delinqüentes. Cêrca de 50 0/0 analfabetas.

(2) Grande parte do sul do país e de tôdas as idades e profissões (geralmente domésticas).

empregado neste exame é muito singelo; que falta — por escassez de tempo para executá-lo — uma contraprova em mulheres não delinqüentes ou livres na sociedade; que, enfim, não pretendo, com êste trabalho, apresentar qualquer conclusão definitiva, mas, apenas, contribuir para o esclarecimento do problema que nos formula a tese do Prof. Jaensch, mormente no que ela teria de mérito antropológico ou de valia na diagnose racial ⁽¹⁾.

Todavia, mesmo assim, são elementos dignos de registo, atenção e discussão, pois não podem dispensar-se as observações granjeadas, como estas, na análise de personalidades anormais ou patológicas de certos indivíduos, tais os delinqüentes.

É de regra que a análise psicológica deve sempre basear-se no estudo dos elementos psicomorais colhidos em indivíduos normais e anormais. Embora se considere anormal mental ou moral a maior parte dos delinqüentes que observei, os resultados colhidos não podem, por isso, perder qualquer interêsse. Eis, pois, o motivo desta nota.

As conclusões a que cheguei não alinham com as de Ernst Jaensch e, por tal, ao menos provisòriamente, poderemos dizer que os Portugueses — a admitir a teoria do professor germânico — não são sensíveis às côres vermelha e amarela e, portanto, não são

(1) Embora o tivesse procurado com todo o interêsse imaginável, não consegui encontrar o estudo ou estudos do Prof. Jaensch. Para tal, percorri, entre outras, a Biblioteca do Instituto de Orientação Profissional e o do Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira, em Lisboa; a do Instituto de Criminologia do Pôrto e o de Antropologia da Universidade do Pôrto. Espero receber os referidos estudos por amável deferência da Direcção do *Boletim Cultural de Informações*, já citado, que prometeu remetermos, logo que os obtivesse.

(Já depois de escrita esta nota, a Direcção daquele Boletim comunica-me, em ofício não datado — recebido em 28 de Setembro de 1944 — não ser possível a satisfação do meu pedido, visto que devastações em Berlim, provenientes de ataques aéreos, destruíram a Biblioteca onde se encontravam os estudos do Prof. Jaensch).

de sensibilidade quente. Isto os excluía da raça mediterrânea, o que seria paradoxal.

O facto apresentado por Jaensch está sujeito a determinadas restrições, em meu entender. Assim é que a escolha de fazendas para vestuário, quanto às côres, está subordinada a várias condições, como: — classe a que o cliente pertence (humilde, sem educação ou instrução estética); diversidade de padrões; variação de preços e possibilidades económicas; influência e poder de persuasão do vendedor; gostos pessoais dos desenhadores das respectivas fábricas e dos revendedores; região do país onde mora; etc.

Não conheço o método de investigações seguido por Jaensch. Eu utilizei o mais rudimentar, isto é, *choque à cor* e interrogatório, com *palavra-estímulo*. Eis o seu esquema:

1 — Indicação de objectos para respostas-côr:

- A) a) — prato
b) — flor
c) — flanela
d) — meias
e) — casa.

- B) a) — casa (exterior)
b) — jarras
c) — colcha de cama
d) — pano de mesa
e) — paredes do quarto de dormir
f) — tapête.

2 — Côr predilecta

3 — Côr rejeitada

4 — Resposta do estímulo — palavra *côr*

5 — Côr de fazenda para um casaco

6 — Côr de fazenda para um vestido

7 — Identificação das côres.

Vejamos os resultados (1):

Experiência 1, A — Prato	— Branco	(92 %/o) (2)
	Flor — Côr-de-rosa	(53 %/o)
	— Branca	(26 %/o)
	— Vermelha	(12 %/o)
Flanela	— Branca	(31 %/o)
	— Azul	(35 %/o)
	— Côr-de-rosa	(23 %/o)
Meias	— Castanhas	(36 %/o)
	— Pretas	(23 %/o)
Casa	— Branca	(83 %/o)

B (2) — Casa (pintura exterior)	— Branca	(70 %/o)
	— Azul	(18 %/o)
Jarras	— Brancas	(64 %/o)
	— Azuis	(16 %/o)

(1) Eram 22 os tons das côres que serviram a esta experiência (fitas de sêda, colocadas indiscriminadamente, mas colleccionadas de modo a obter-se sensível número igual de tons quentes e frios. *Quentes*: vermelho, alaranjado, amarelo, etc.; *frios*: roxo, azul, verde, etc. Na classificação de Oswald, êstes e outros tons estão classificados desta sorte: *côres ou sensações cromáticas puras* (vermelha, verde-mar, azul) ou *mistas* (laranja-fôlha, turquesa, púrpura); *neutras* (são acromáticas); *puras* (branca, preta) e *mista* (cinzenta). Como se sabe, o vermelho, amarelo e azul são côres primárias, fundamentais; as derivadas, combinadas ou secundárias podem ser binárias (laranja, verde e roxo) ou ternárias (almagra, ocre, verde-limão, turquesa, violeta, carmesim).

(2) Só apresento as maiores percentagens.

Colcha de cama	— Branca	(53 %)
	— Rósea	(28 %)
Pano de mesa	— Branca	(49 %)
	— Rósea	(32 %)
	— Azul	(13 %)
Paredes de quarto	— Branca	(48 %)
	— Rósea	(20 %)
Tapêtes	— Azul	(29 %)
	— Verde	(14 %)
	— Róseo	(13 %)

2 — *Côr predilecta:*

Azul	(34 %)
Côr-de-rosa	(16 %)
Branca	(11 %)
Vermelha	(2 %)
Amarela	(2 %)

3 — *Côr rejeitada:*

Vermelha	(30 %)
Amarela	(36 %)

4 — *Resposta à palavra estímulo cor:*

Azul	(32 %)
Branco	(30 %)
Vermelho	(2 %)
Amarelo torrado	(1 %)

5 — *Côr para um casaco:*

Azul-escuro	(52 %)
Castanho-claro	(11 %)
Prêto	(14 %)

6 — *Côr para um vestido:*

Azul-escuro	(29 %)
Castanho	(21 %)
Azul-claro	(12 %)

7 — *Identificação de côres:*

A quasi totalidade das observadas respondeu acertadamente.

*

Como se viu, o título do resumo da teoria do Prof. Jaensch diz: «A escolha das côres para o vestuário obedece a razões fisiológicas e sensoriais insuspeitadas». Não conhecia, como escrevi, êste princípio assente por aquêle investigador, visto que há mais de um ano ⁽¹⁾ eu realizara as experiências que são a base desta comunicação, segundo o protocolo e o desígnio que imaginara e delinearara para pesquisa em mulheres delinquentes.

Por isso, como se viu, algumas provas as formulei nesse princípio de escolha de côres para o vestuário (n.ºs 5 e 6); outras firmei-as em protocolo já muito conhecido na pesquisação psicológica, com as n.ºs 1-A, 2, 3, 4 e 7.

Vejamos os resultados:

PROVA 1-A — a) A côr branca foi resposta em 92 % das examinadas. Devo esclarecer, todavia, que há manifesta influência da usual côr branca dos pratos. Apenas 4 responderem azul, 3 rósea e 1 verde.

b) Rosa e branco foram as côres preferidas, nas percentagens respectivas de 53 % e 26 %. Aqui, ainda, pode garantir-se influência da mais vulgar côr de flores, especialmente das rosas. É trivialíssimo dizer-se, de coisa formosa: *linda como uma rosa, é uma rosa*. E, também, *branca-flor, branca como uma flor, etc.*

c) Aqui, também, a preferência foi para as côres *branca* e *azul* (31 % e 25 %). A *rosa* aparece na percentagem de 23 %. Note-se

(1) A contar da publicação do Boletim de Informações indicado.

que julgo existir, ainda, influência de ser muito habitual a *flanela branca* em roupas domésticas.

d) Manifesta-se, nesta prova, indiscutível influência da vulgar *côr* das meias; de tom *castanho* ou suas derivações (36 %) e da *preta* (23 %), muito usada por mulheres. Verifica-se, contudo, não haver predilecção por *côres* garridas. É conhecido o popularíssimo rifão: «*se não fôssem os gostos, que seria do amarelo*». Isto indica, claramente, a pouca simpatia por esta *côr*. Também se diz, vulgarmente, que o *vermelho é para os pretos, é côr de pretos, assusta e irrita os touros*, etc., asserção popular que há muito sintetiza, parece, grande parte da tese de Jaensch. Na verdade, conhece-se a predilecção dos negros e povos primitivos pelas *côres* garridas, como o *vermelho* e o *amarelo*.

e) Sem dúvida que na proporção da *branca* (83 %) em resposta ao estímulo *casa*, se nota manifesto poder do hábito de freqüentíssimamente se ver aquela *côr* nas paredes exteriores das casas aldeãs ou humildes, em certas regiões.

PROVA B — a) Repito as considerações que acabei de fazer à *côr* de e), prova I.

b) 70 %. Influência da vulgaridade da *côr* branca em jarras ornamentais.

c), d) e e) As percentagens colhidas nestas provas discordam do que afirma Jaensch. Vê-se que as *côres* predilectas para *colcha de cama, pano de cómoda e paredes de quarto* são a *branca* e, a seguir, a *rósea*.

f) Nesta prova a *côr* preferida foi a *azul* (29 %) e a *verde* (14 %). Segue-se a *rósea* (13 %), quasi em idênticas percentagens desta última. Não há, como se nota, gosto pelas *côres* quentes (1).

(1) As restantes percentagens, nesta como em outras provas (que não apresento para não alargar o âmbito deste estudo) acusam tendência para *côres* frias, na generalidade (tons ou *nuances* das mesmas).

PROVA 2 — As *côres* preferidas foram a *azul-escuro* (24 %), a *rósea* (16 %) e a *branca* (11 %). Manifesta-se maior percentagem de *côres* frias.

PROVA 3 — Rejeitadas as *côres* quentes *vermelha* e *amarela* por mais de dois terços das examinadas.

PROVA 4 — As *côres* estimuladas foram a *azul* (32 %) e a *branca* (30 %), como mais freqüentes: *côr* de dois terços dos indivíduos. Apenas 2 % correspondem ao *vermelho*.

PROVA 5 — A predilecção da *côr* foi para tom frio (*azul*, 52 %).

PROVA 6 — Pode dizer-se o mesmo da prova anterior, quanto à *côr* do vestido. *Côr* da terça parte das mulheres escolhe uma *côr* fria (29 %), correspondente a *azul-escuro*. Aproximadamente um quinto formulou gosto pelo *castanho-claro*.

PROVA 7 — Como se disse, no reconhecimento das *côres* não notei incapacidade fisiológica ou patológica que originasse equívocos na apreciação dos resultados.

*

Perante o que deixo escrito, sou compelido a asseverar, embora provisoriamente, que a tese do Prof. Jaensch não se verificou na experiência que fiz. Dêste modo, poderia admitir-se, ao menos quanto a portugueses delinquentes, que não é aceitável a doutrina da maior sensibilidade às *côres* quentes nos povos mediterraneanos, a que pertence o português.

De modo geral, verifiquei predilecção pelas *côres* frias. Não logrei recolher bibliografia da especialidade, pertinente ao tema ou afim, embora consultasse algumas bibliotecas do país (Pôrto e

Lisboa). Todavia, recordo que K. Heyner considera a côr vermelha como *alegre* e *excitante* e o azul como *calma* e *triste* (1). Por seu turno, Haan (2) aponta as côres quentes como de *ondas largas* e as frias de *ondas curtas* (3). As primeiras (excitantes, alegres) são do vermelho ao amarelo-verde; as segundas, do azul-verde ao violeta. Êste autor concluiu pela noção de incontestável efeito dinâmico das côres, o que verificou também em animais.

E diz: «Chez l'homme aussi, le ton affectif de la sensation elle-même est un facteur important des sentiments qui accompagnent la perception des couleurs...».

Em vista destas indicações e dos resultados que obtive em mulheres delinquentes (anormais morais ou mentais), é lógico concluir-se que devemos prosseguir o estudo encetado, não só em homens delinquentes, mas em mulheres e crianças consideradas normais ou, melhor, não prisionais.

(1) K. Keyner — *Valeur affective des couleurs et des lignes* (*Experimental studies of the affective value of colors and lines*). «Le Travail Humain», IV, 1936, Paris.

(2) Haan — *L'effet dynamique de sensations de couleur*, etc. «Archives de Psychologie», XIX, 1923, Paris.

(3) É curioso registar que a Portugueses se devem alguns velhos trabalhos sobre côres, tipicamente encomiásticos dos tons verde e azul, que são *frios*! Assim, Manuel Fernandes Vila-Real, escreveu e publicou, em 1637 (in 8.º), em Madride, a seguinte obra, que não li, mas vem citada na *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado (1757, Lisboa. Edição de 1933, Lisboa), intitulada: *El color verde e la divina Celia*. Diz aquêl bibliógrafo que consta de louvores da côr verde. Do mesmo século XVII são duas outras obras. Uma do célebre médico judeu Fernando Cardoso (cit. por Barbosa Machado, *ob. design.*), chamada *Panegyrico y excellencias del color verde, simbolo de esperanza, hyeroglífico de victoria*, publicada em Madride, também, dois anos antes da do Capitão Manuel Fernandes Vila-Real. Um outro médico letrado, Fernando Álvares Brandão, no dizer, ainda, do mesmo Barbosa Machado (*ob. cit.*), compôs um trabalho que não publicou,

Assim o exige a afirmação de Jaensch, quanto à diagnose racial pela sensibilidade cromática dos indivíduos, pelo seu valor possível na avaliação de estudos psicomorais dos delinquentes (emocionabilidade, depressão, excitação, etc.), no ponto de vista de julgamento da sua personalidade, para efeitos penais.

Apesar de tudo, creio que não devemos considerar os resultados obtidos nas 100 delinquentes observadas (1) apenas como reflexo do estado psicomoral das mesmas (vide conclusão de Haan citado), isto é, depressão e tristeza produzidas pelo encarceramento, o que viria falsear as conclusões.

em «competencia do Doutor Fernando Cardozo que escreveo as excellencias da cor verde»: *Tratado em defensa da cor azul*. Não diz Barbosa Machado da data dêste manuscrito, posterior, claro, a 1637. São, como se vê, três depoimentos escritos (dois publicados) de predilecção ou gôsto de portugueses pelas côres frias, *verde e azul!*

(1) Eis os crimes cometidos por estas mulheres: Homicídio voluntário, 37; Homicídio involuntário, 1; Infanticídio, 11; Abortamento, 6; Mendicidade, 1; Embriaguez, imoralidade, desobediência e agressão, 1; Ofensas corporais e imoralidade, 1; Furto, embriaguez e ofensas à moral, 1; Furto e mendicidade, 2; Ofensas corporais, 2; Tentativa de envenenamento, 1; Vadiagem e embriaguez, 1; Delitos contra a propriedade (furto, burla, etc.), 35.